

RESENHA DO LIVRO “REPENSANDO A ESCRITA”

Felícia Xavier Volkweis¹

fvolkweis@gmail.com

O livro “Repensando a escrita” já anuncia no título sua própria origem. Esta obra é fruto da tese de doutorado de Magali Lopes Endruweit, que, 16 anos após concluí-la, decidiu retomar seu texto original e editá-lo em forma de livro. Esse movimento de retomada permitiu à autora repensar não apenas a forma desse texto – uma tese que vira livro –, mas também seus próprios rastros de singularidade, as marcas deixadas por aquela pesquisadora de anos atrás, conduzindo-nos em direção a uma escrita que diz do sujeito.

Nesta obra, Endruweit une teoria e prática: a epistemologia da linguística e sua atuação em sala de aula como professora de escrita. Essa união é resultado de um longo percurso: a autora é licenciada em Letras (1987), mestre em Linguística Aplicada (2000) e doutora em Análises Textuais e Discursivas (2006); lecionou por muito tempo na educação básica e, atualmente, é professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde trabalha principalmente com disciplinas de leitura e produção de textos.

Essa reflexão tem seu ponto de partida na década de 1980, quando Endruweit ensinava texto a jovens vestibulandos que precisavam ter um bom desempenho para ingresso nas universidades. Como a própria autora conta na apresentação ao livro, foi nesse tempo e espaço que ela criou uma espécie de categorização dos seus alunos e

¹ Doutoranda em Letras – Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

passou a tentar compreendê-los: os que escrevem para contar suas histórias e se fazer entender; e os que escrevem para cumprir a tarefa e agradar a professora.

Partindo dessa inquietação, neste livro, Endruweit discorre sobre o percurso teórico da escrita durante a fundação da linguística como ciência, quando a escrita era vista apenas como representação gráfica, desprovida da presença do sujeito. O caminho percorrido pela autora desemboca em uma comunidade de prática: a sala de aula, onde o sujeito, por mais que se tente, não pode ser excluído e retorna pelas vias da enunciação. Nesse espaço, Endruweit vai em busca de uma escrita como subjetividade, não uma escrita formal, como a famigerada redação de vestibular. Vejamos como se deu esse percurso, que está dividido em cinco capítulos.

1. CAPÍTULO 1 – A ESCRITA E O ATO INAUGURAL DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA

O primeiro capítulo do livro tem como foco o estabelecimento da linguística como ciência e, por conseguinte, a exclusão da escrita como um objeto de interesse dessa ciência. Endruweit (2022: 27), então, parte da seguinte hipótese: “a exclusão da escrita operada pelo ato fundador da linguística, legitimado pela publicação do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure, é correlativa à busca da ciência linguística de regularização do objeto”. Isso significa que a linguística só poderia obter seu estatuto de ciência uma vez excluída a escrita de seu escopo de estudo. Para verificar essa hipótese, a autora se baseia no *Curso de Linguística Geral* (CLG), nos *Escritos de linguística geral* e nos *Anagramas* de Saussure.

O CLG – embora não tenha sido escrito por Saussure, mas sim organizado a partir de anotações de seus alunos – é considerado o ato fundador da linguística. Nessa obra, a escrita é considerada mera representação da fala, e Endruweit investiga os motivos dessa classificação. A resposta é encontrada no ideal de ciência da época, que divide os saberes entre positivo e não positivo. O saber positivo era considerado o ideal e não poderia receber influências externas; já o saber não positivo deveria ser excluído desse cenário. Portanto, aos moldes do pensamento de Rousseau, que possivelmente influenciava Saussure, a seguinte divisão podia ser estabelecida: de um lado, a ligação entre um som e uma coisa do mundo, isto é, as coisas em si; de outro, a língua e o arbitrário do signo, isto é, os fenômenos. A escrita estaria circunscrita na primeira categoria, seria a relação com o mundo, a “exterioridade pouco confiável”,

como diz Endruweit (2022: 19). Assim, criando-se uma “ciência da palavra falada”, a fonologia foi eleita o objeto de estudo da linguística.

Ocorre, porém, que no próprio CLG é possível notar pistas da inviabilidade de exclusão da escrita no âmbito dessa ciência, e Endruweit, com apoio de diversas leituras, vai à caça de todas elas, conduzindo seu leitor em uma legítima investigação. As derrapagens do Saussure do CLG, em sua maioria, se dão por conta da relação feita entre a língua e a realidade, a língua e as coisas do mundo – contrariando o ideal de saber positivo. Ao fim desse percurso, Endruweit nos leva a entender que o motivo pelo qual a escrita é uma ameaça é o fato de que ela contém outro excluído desse escopo: o sujeito, que coloca em risco a regularidade da língua.

Para corroborar essas evidências, a autora recorre também aos *Escritos* e aos *Anagramas*, obras nas quais se pode observar reflexões do próprio Saussure sobre escrita, sem que ele a exclua de suas proposições. Além disso, Endruweit mostra que, nessas obras bem como nas correspondências do linguista, Saussure deixa transparecer dúvidas em relação à escrita, o que evidencia seu pensamento ainda em evolução sobre o tema.

Dessa investigação, Endruweit chega a duas formas de olhar para a escrita: a escrita como representação da fala; e a escrita que tem a ver com a enunciação, com o sujeito, uma escrita do sentido. Segundo a autora, em busca de uma regularização do objeto de estudo da linguística, a escrita que se relaciona com a enunciação foi excluída do quadro da linguística e das teorias destinadas ao ensino e à aquisição da escrita. Porém essa escrita retorna por outras vias, como, por exemplo, na literatura ou na poesia. A partir de então, o foco da autora é justamente a escrita do sentido: “uma escrita tomada como processo ou, para fazer uma analogia que será de muita valia adiante, como enunciação e não como enunciado, ou ainda, como suporte de língua e não como a língua em si” (Endruweit, 2022: 93).

2. CAPÍTULO 2 – UMA PRESENÇA CONSTANTE: A ESCRITA NA ESCOLA

Depois de esclarecer que a escrita relacionada com o sujeito sofreu uma exclusão por conta da busca de regularização exigida pela cientificidade, no segundo capítulo a autora persegue a seguinte hipótese: “a exclusão da escrita do escopo da linguística é correlativa à exclusão do sujeito, e as formas de inclusão dos excedentes

que a linguística produziu priorizam um retorno vinculado à regularização do objeto” (Endruweit, 2022: 95). Em outras palavras, a autora vai em busca de um retorno do que foi excluído, questionando-se como a escrita pode ser analisada em um período pós-saussuriano do pensamento linguístico.

Para isso, o segundo capítulo do livro está centrado no espaço que Endruweit denomina “mundo da escrita”: a escola. Essa escolha se dá porque, além de a autora ser professora de língua portuguesa e ter intimidade com as práticas desse espaço, é na escola que acontece a mais forte ligação entre o ensino de língua e a escrita, “filiando a prática da escrita escolar ao positivo próprio da ciência” (Endruweit, 2022: 96). Ademais, é nesse espaço que se concretiza a almejada relação entre linguística e escola, de forma que a teoria e a prática se encontram.

A autora inicia discutindo como a escrita é entendida na escola e levantando possíveis consequências desse entendimento para o ensino de escrita. De forma ilustrativa, ela centra a discussão no cenário brasileiro a partir dos anos 1960 e analisa o pensamento de alguns linguistas que escreveram sobre o tema, especialmente para os professores.

Nessa retomada histórica, Endruweit percorre diferentes concepções de ensino de escrita: inicialmente, ensinava-se a escrever nos mesmos moldes dos autores literários consagrados, que eram os que definiam a forma ideal da língua; depois de muitos debates no âmbito da linguística, a escola inclui no seu currículo a variação linguística, que valoriza a língua oral. No entanto, esse avanço não foi suficiente para que a escrita na escola deixasse de ser associada com o modelo de cientificidade, uma vez que o domínio pleno da gramática e a aplicação de exercícios escritos não cessaram de ser cobrados dos alunos. Mantiveram-se, assim, as “muitas querelas” entre fala e escrita, como diz Endruweit (2022: 100).

Diante dessa realidade, a autora propõe-se a analisar a escrita como um fenômeno antropológico, que pertence a toda a humanidade. Para isso, ela aborda a oposição entre fala e escrita, e põe por terra os tantos mitos existentes sobre esses dois sistemas linguísticos, como, por exemplo, crer que quem domina a escrita é detentor de maior conhecimento, ou que não dominar a escrita significa menor competência cognitiva. Com essa reflexão, Endruweit (2022: 106) afirma que

[...] a escrita chega ao ensino de língua portuguesa marcada ora pela desvalorização, ora pela supervalorização em relação à fala. Sua presença,

entretanto, estará garantida por conta da sua aproximação com a posituação requerida pela instituição escolar. De resto, a escola acabou por legitimar a escrita como regularização, distanciando-se de uma visão enunciativa do escrever, paradoxalmente, reservando um lugar para um sujeito imaginário – mais próximo do conceito de autor – dos textos escolares.

Nesse sentido, a autora explica que a escola espera que o aluno seja o autor de seu texto, garantindo à escrita o lugar de instauração da subjetividade na linguagem. Porém, segundo Endruweit (2022: 117), o tratamento desse conceito de subjetividade é vago, podendo ser entendido como “manifestação linguisticamente marcada daquele que escreve” ou até mesmo como “qualidade estilística superior”. Ao fim e ao cabo, Endruweit (2022: 117) afirma que essa busca pela subjetividade é apenas mais uma exigência dos textos escritos na escola para que o aluno aprenda a escrever para esse ou aquele propósito, ou seja, “para a escola, escrever é principalmente um ato utilitário”. De fato, “há sempre a necessidade de escrever para algum fim, para mostrar conhecimento, para aferir um domínio de conteúdo apreendido durante a trajetória escolar” (Endruweit, 2022: 118). Assim, para esses alunos, escrever bem significa escrever de acordo com os moldes estabelecidos, os gêneros textuais, sem envolvimento, sem exposição de emoções e sem a sua própria história.

Enfim, nessas condições, a escrita da escola, segundo Endruweit (2022: 122), é apenas um “*produto*, que resulta em um ensino centrado na *produção* de texto, supervalorizando os aspectos formais, as questões situadas na superfície do texto”. Portanto, a escola, denominada anteriormente “mundo da escrita” pela autora, deixa evidente apenas um lado desse fenômeno: a escrita utilitária, como representação da fala, modelo de cientificidade, distante da visão enunciativa. É a esse outro lado do fenômeno, a escrita que diz do sujeito, que Endruweit vai se dedicar no capítulo seguinte.

3. CAPÍTULO 3 – EM BUSCA DE UMA TEORIA DA ENUNCIÇÃO NA/DA ESCRITA

Até o fim do segundo capítulo, Endruweit consegue mostrar claramente ao leitor que a instauração da linguística como ciência exigiu uma visão de escrita como representação da fala, atribuindo a regularidade necessária ao seu objeto. A noção de arbitrariedade do signo, por exemplo, foi importante para a linguística porque não há

relação entre a ordem dos signos e a ordem das coisas. Mas também ficou claro que a ciência não eliminou outras possibilidades de pensar a escrita.

Endruweit, então, com base na linguística da enunciação de Émile Benveniste, se propôs a pensar em uma escrita vista como enunciação, e não como enunciado, uma escrita do irrepitível, pertencente também ao aparelho formal, assim como a fala. Sua hipótese é de que “a abordagem da relação sujeito/estrutura no estudo da escrita está articulada a uma teoria enunciativa do sujeito na língua” (Endruweit, 2022: 146).

Para a autora, a escrita que considera o enunciado é *texto*, ideal de significado e sentido. Por conseguinte, sendo texto, pressupõe leitura. Nesse plano, diz ela, é que podemos comparar fala e escrita, devido ao caráter comunicacional que se dá na relação tanto entre locutor e alocutário quanto entre autor e leitor. Nas palavras de Endruweit (2022: 126), “nessa instância, falamos para nos comunicar, para expressar pensamentos, ações, vontades e desejos. Também escrevemos para isso: é bem assim que a escola entende a escrita; como texto, como qualidade que permite o acesso a um código de regras”.

Já a escrita sob o viés enunciativo não tem como foco a distribuição de um sentido, a expressão “do que se quer dizer”, a explicação de um conteúdo e menos ainda as regras que norteiam o escrever utilitário, como a ortografia, por exemplo, diz Endruweit (2022: 127). Seu interesse está no sujeito. Nesse caso, a autora se distancia do enunciado, do texto, da lógica do conhecimento e da aferição, presentes na escola, e passa a falar de escrita, enunciação e lógica do sujeito.

Mas o que muda quando lidamos com essa escrita que diz do sujeito? Segundo Endruweit (2022: 127), a escrita na enunciação

[...] implica um gesto de leitura singular. A leitura que é exigida aqui passa por uma noção peculiar: a decifração. A decifração do quê? Da metáfora. Tal como o inconsciente que só produz “sentido” na metáfora, a escrita exige uma leitura que passa pela decifração da metáfora que a constitui.

Isso não quer dizer que a materialidade gráfica da escrita seja desconsiderada, porém não se estuda a escrita como um conteúdo em si. Nesse caso,

o enunciado é o nível aparente do escrever [...], aquele que se deixa mostrar; a enunciação é o nível de uma heterogeneidade radical, constitutiva e refratária à representação total. Enfim, trata-se de uma forma de olhar enviesado, enxergando singularidades através da regularidade (Endruweit, 2022: 127).

A escrita enunciativa, segundo Endruweit (2022: 130), tem um “caráter incorpóreo”. Ela ainda pode ser vista como representação, “mas não só. Há um mais além na escrita: além da representação, além da tinta, além da forma; lugar de onde escreve o sujeito, para além do discernível”. Esse foi o sujeito alijado da linguística, mas que ainda deixa rastros de seu movimento na língua quando olhamos para a escrita mais detidamente, conforme propõe a autora.

Portanto, *representar* é, sim, uma característica da escrita, porém *significar* é resultado da atividade de quem escreve. Assim como Benveniste afirma que significar é uma propriedade da linguagem, Endruweit (2006: 145-146) estende essa característica à escrita, uma vez que esta pertence à linguagem. Podemos ver a escrita, então, como enunciado, como texto, mas só a contemplaremos na sua totalidade se ela for vista também como uma escrita “[...] de um sujeito, da enunciação, pois aquele que escreve se enuncia naquilo que escreve” (Endruweit, 2022: 146).

Desse modo, enunciar-se é tanto falar quanto escrever. Nesses atos enunciativos, o locutor mobiliza uma enunciação de retorno, o que envolve as noções de pessoa. Sendo a escrita, portanto, um ato enunciativo e por isso supondo uma enunciação de retorno, Endruweit se dedica a explicar como se comportam os indicadores de pessoa, tempo e espaço nesse caso.

Com o apoio de Dany-Robert Dufour (2000) e o modelo trinitário da língua elaborado por esse autor incluindo as ideias de Benveniste, Endruweit esclarece que, na fala, como tempo e espaço se constituem no ato enunciativo, a definição de presente é o momento em que “eu” fala a “tu”. Na escrita, contudo, “[...] apenas o ‘eu’ está no presente, já que escreve a um ‘tu’ ausente da cena enunciativa. Semelhante ao ‘ele’, o ‘tu’ marca-se por uma presença-ausência” (Endruweit, 2022: 160). Além disso, no que se refere aos pronomes pessoais na enunciação escrita, Endruweit se debruça sobre os conceitos da terceira pessoa, a não pessoa, que completa a tríade enunciativa e organiza toda a linguagem, incluindo a escrita.

A partir dessa discussão, Endruweit reconsidera também o conceito de leitura, não só o de escrita. Aquela leitura que, em outras circunstâncias, pode ser considerada uma atividade passiva, aqui, ao contrário, tem um caráter ativo, de reapropriação da escrita do outro. É no momento da leitura que se dá a interlocução:

durante a leitura feita pelo “tu” se instaura o presente da enunciação escrita. Dessa forma, como explica a autora, a escrita é sempre presentificada a cada nova leitura feita pelo “tu”, o que lhe dá o título de atemporal, embora o momento da escrita em si pertença somente ao “eu”.

Ao fim desse capítulo, Endruweit (2022: 162) mostra algumas formas como se revela o sujeito na escrita: “através da fina película do escrito é possível remover as camadas e mostrar a ficção da folha em branco, deixando à mostra o jogo de espaços magistralmente jogado pelo sujeito da escrita. Um palimpsesto, talvez”. Usando a metáfora do palimpsesto – isto é, um papiro ou pergaminho que tem o texto antigo raspado para dar lugar a um novo texto –, a autora nos conduz até a compreensão dessa escrita que é particular, de cada sujeito, porque irrepitível. Os recursos para a compreensão se solidificam nos capítulos seguintes.

4. CAPÍTULO 4 – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A ANÁLISE DA ENUNCIÇÃO ESCRITA

No quarto capítulo, Endruweit descreve uma proposta metodológica que permite analisar a enunciação escrita. Essa proposta tem como base um método de análise desenvolvido por Benveniste (2005), em “Os níveis da análise linguística”, segundo o qual, em um nível da língua, há distribuição, que diz respeito à forma, e, no outro, ocorre integração, onde se dá o sentido. Essa forma de análise ainda é associada pela autora ao modelo trinitário da língua descrito por Dufour (2000), que contém uma dupla relação: de um lado, eu-tu; do outro, eu-tu/ele. Como resultado, entendemos que a linguagem é organizada pelos movimentos decorrentes dessa relação: a conexão e a disjunção.

O *corpus* analisado é de 10 textos produzidos por alunos do segundo ano do ensino médio de uma escola da rede privada de São Leopoldo/RS, cada um com seu rascunho, totalizando 20 textos. Nesse ponto, é interessante notar que a forma de olhar para esse *corpus* também advém da enunciação. A autora explica que se dedicou a analisar fatos linguísticos, e não dados, pois o *corpus* não é algo “dado” como uma evidência; é, isto sim, “produto de um construto teórico” (Flores, 2001: 59). Segundo Endruweit (2022: 169), “quando se estuda a semântica de uma língua pelo viés enunciativo [...], não há um dado pronto à espera do pesquisador. O que há

são fatos produzidos por um sujeito no momento da enunciação”. Ela ressalta ainda que um fato enunciativo é sempre estruturado com forma e sentido, logo se considera nessa análise a relação entre forma e sentido, entre constituinte e integrante, que são inerentes a toda enunciação.

Outro ponto interessante é que a unidade de análise foi a “frase” segundo a concepção de Benveniste. Isso significa fazer um recorte de acordo com o sentido, um “recorte enunciativo”, e não um recorte de acordo com a forma gramatical. Portanto, a análise pode se centrar em apenas uma palavra, uma frase, um parágrafo ou até mesmo no texto inteiro. Vejamos, então, o que o leitor encontrará nas análises.

5. CAPÍTULO 5 – O JOGO ENTRE SUJEITO E LÍNGUA: ANÁLISES DA ENUNCIÇÃO ESCRITA

Neste capítulo, Endruweit se dedica à análise da enunciação escrita conforme a proposta metodológica descrita anteriormente. Ao observar “a negociação do locutor com a língua em busca do sentido e em direção à completude imaginária com o ‘tu’” nos textos dos alunos, comparando rascunho e versão final, Endruweit (2022: 181) constatou três movimentos da escrita. São eles: supressão, inserção e substituição.

A supressão refere-se ao reconhecimento de um elemento considerado impróprio pelo autor. Ela inclui os tipos de rasura (total e parcial) no rascunho bem como quando um elemento é ignorado do rascunho para a versão final. Para Endruweit (2022: 206), “a rasura é um drama pessoal” e, ao mesmo tempo, “cada termo rasurado é escada para o novo termo, pois é do que já não é que se faz o que será”.

A inserção ocorre quando o autor acrescenta termos em busca de complementar o sentido. Pode ter sido feita no próprio rascunho e ser mantida na versão final, ou ocorrer apenas na versão final. Para definir o movimento de inserção, Endruweit (2022: 208) o compara com a supressão: “se o que foi apagado acontece entre o ‘eu’ e a língua, e por essa razão pode ser riscado, a inserção é uma marca visível, não um engano”, o que permite supor que a inserção está mais direcionada ao “tu” do que a supressão.

Já a substituição se refere a alterações na ordem das expressões e mudanças lexicais (grafia das palavras) ou semânticas. Nesse caso, nada é excluído ou incluído,

como nos movimentos anteriores. Trata-se de um movimento de permuta com a língua voltado à sofisticação em busca do sentido mais completo para o “tu”.

Com essa análise, Endruweit (2022: 205) deixa claro que analisar a enunciação escrita nos permite fazer “uma incursão na história de cada um, manifesta pelo estilo com que a língua é tomada em cada negociação e na incansável busca pelo cercamento do sentido”. O sujeito que escreve, almejando a melhor maneira de escrever, deixa emergir sua constante negociação com a língua. Ao fim, entendemos que a escrita do sujeito é sempre de retomada: escrever, repensar e reescrever. Como diz Endruweit (2022: 206): “não há, portanto, a folha em branco, temos versões sobrepostas, eternos palimpsestos, sendo sempre refeitos em uma incansável escrita”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Repensando a escrita” nos permite compreender a escrita como um sistema que está para muito além da representação da fala. As reflexões de Magali Endruweit são uma espécie de florescimento das ideias semeadas por Émile Benveniste, que, muito provavelmente por conta da brevidade de sua vida, não pôde se aprofundar nos estudos sobre a escrita, deixando apenas pistas aos seus leitores. As contribuições teóricas da autora sobre o tema são apenas o início de um longo cultivo na seara da escrita.

Mais ainda, esta obra é uma porta para o ingresso em um novo mundo da escrita, não mais aquele onde a escrita é simplesmente uma forma de aferir conhecimento, mas um mundo onde o próprio sujeito se reconhece e se manifesta, em constante relação com a linguagem, que lhe é constitutiva. Assim, na sala de aula, pensar a escrita como propõe Endruweit, mostrando aos alunos como eles mesmos negociam com a língua e os sentidos desses movimentos, significa atribuir um novo estatuto ao escrever; significa oferecer a possibilidade de o aluno se constituir como sujeito na/da escrita, e não mais tentar escondê-lo, como até então fora exigido.

Ainda, apesar de seu caráter epistemológico e sua relação estreita com o contexto escolar, esta obra pode ser um aporte a todos que se interessam por leitura e escrita de forma geral. Na leitura engajada de um texto, também criamos uma nova enunciação, tomamos o lugar do “eu” na cena enunciativa e somos capazes de

oferecer uma enunciação de retorno. Compreender nossa importância como leitores altera, portanto, nossos modos de ler.

Igualmente, fora do âmbito escolar ou universitário, há um universo a ser desvendado sobre a escrita e quem escreve. O que a negociação entre um escritor iniciante e sua língua, por exemplo, diz dele mesmo quando escreve seu primeiro livro? E se colocarmos um outro nessa cena enunciativa, como um revisor ou um assessor literário, o que emerge dessa relação? Mas nem precisamos ir muito longe: na transformação da tese de Magali Endruweit em seu livro, o que ela deve ter descoberto analisando sua enunciação escrita? Seria possível elaborar uma gênese dessa trajetória, uma história desse repensar a escrita? Que essas perguntas sirvam como provocação para essa nova obra com que a autora poderá nos presentear.

Referências

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação (1970). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006. p. 81-90.

BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística (1962). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005. p. 127-140.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, Valdir. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 126, p. 7-67, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. <i>Repensando a escrita</i> . Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2022.
